

Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor – AM
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão – AM



Nova cartografia social da Amazônia

Quilombolas do Tambor,
Parque Nacional do Jaú
Novo Airão

15

Amazonas



Relação dos participantes da Oficina de Mapas realizada em Novo Airão nos dias 30 de junho e 01 de julho de 2007. Adenilsom Assis Silva, Maria da Glória Cardoso, Rosilda Sales de Lima, Clovisson Assis da Silva, Raimundo de Assis Almeida, Jacinto José Maria dos Santos, Ageu Rodrigues Brasil, Raimundo Brasil Cardoso, Sebastião Ferreira de Almeida, Antônio Gonçalves de Oliveira, Valdomiro Rodrigues de Lima, José Alberto do Nascimento, Orivan Lemos Brasil, Sabino Marinho do Nascimento, Sebastião Lemos Brasil, Rosineide Nogueira de Araújo, Joana Cristina Gonçalves de Oliveira, Maria Raimunda Lemos Brasil, Cleonice Lemos Brasil, Railson Brasil Nascimento, Raimundo Pinheiro, Joaquim Shiraishi, Alfredo Wagner, Emmanuel de A. F. Jr., Ana Felisa, Thereza Menezes, Nadja Christine, Marcos Pereira.



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 15 – Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú
Novo Airão, Amazonas

Manaus, junho 2007
ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe de pesquisa

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (UFAM)
Joaquim Siraishi Neto (UEA)
Ana Felisa Hurtado Guerrero (FIOCRUZ/UEA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM)

Apoio técnico

Nadja Christine de Castro Souza (UEA)
Marcos do Nascimento Pereira (UEA)
Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFAM)
Pedro Fonseca Leal (UFF)

Curso sobre noções básicas de G.P.S.

Ana Paulina Aguiar Soares (UEA)

Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor

Presidente Sebastião Ferreira de Almeida
Vice-presidente Sabino Maria dos Santos
Secretário Raimundo Assis de Almeida
1º Tesoureiro Jacinto Maria dos Santos
2º Tesoureiro José Alberto do Nascimento

Membros Efetivos do Conselho Fiscal

Orivan Lemos Brasil
Getulio Maria dos Santos
Celeste Alves dos Santos

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão

Presidente Aldenor Sobrinha Barbosa
Vice-presidente Anália de Vasconcelos
1º Tesoureiro e Secretário de Políticas Sociais
Julio Cezar Costa Barbosa
2ª Tesoureira Maria Helena M. Pinheiro
1ª Secretária Norizete do Norte Farias
2ª Secretária Marly N. Fernandes
Conselho Fiscal Luiz Alberto Q. da Silva, Francisca V. de Almeida, Maria Pereira Rodrigues
Suplentes João Pedro Paixão, Francisco Torres do Albuquerque, Francisco Viana dos Santos

Fotografias

Nadja Christine, Marcos Pereira, Alfredo Wagner

Cartografia e mapa

Laura Adriana Chamo

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br

O Rio dos Pretos

Quando passava o regatão, falava: este aqui é o Rio dos Pretos e passava, o dos negros e passavam. Então antigamente essa palavra Rio dos Pretos ou dos negros era uma desclassificação, hoje em dia não, hoje é uma classificação para nós. Podem me chamar de preto, neguinho se quiserem.

Meu nome é Jacinto José Maria dos Santos, eu nasci em 1933, 27 de maio de 1933, tenho 74 anos. Esse tempo todo eu morei no Jaú. Eu morava, de primeiro com meus pais, eu morava no Caju. Quem trouxe o meu pai pra cá foi o meu tio Jacinto, ele que trouxe ele pra cá, porque nesse tempo a borracha era o ouro da Amazônia. Então ele veio pra tirar borracha. Ele veio pra cá e pra cá constituiu família e aí já nascemos nós todos por aqui, e aí nós fomos crescendo, crescendo, trabalhando todo tempo na seringa. Quando era no verão trabalhava na seringa, quando era no inverno trabalhava na castanha, nesse tempo não existia trabalho de sova, só balata, aí depois que foi o trabalho da sova, quando era o inverno tirava sova e balata e trabalhava na roça, mas a roça era só pra comer, não era pra vender, assim que era nossa vida nesse tempo, aí quando era todo ano baixava numa canoa grande e baixavam à remo e passavam um mês pilotando a viagem pra ir e voltar, aí traziam um ranchinho, aí deixavam lá pra casa, aí lá nós ia trabalhar. Foi no tempo que nossa vó faleceu lá em Sergipe, aí foi preciso ele ir lá pra tratar dos bens, aí já só ficou a nossa mãe, aí nós saímos de lá fomos pra um lugar mais longe, fomos para um lugar, Capoeirinha, muito acima do Capinzal, passamos pra lá bem uns dez anos, vimos que não tava bom e nós viemos pra cá pra baixo, pra um lugar chamado Trento, ficou mais perto um pouco, lá ficamos uns quinze anos, daí pra cá já vivemos no... no macaco, lá que minha mãe faleceu, aí se espalhamos tudo, um foi pra um canto, um foi pra outro, e eu abrir o lugar, onde chamei esse lugar de sítio Sorva, onde tem até hoje, abri esse sítio, abrir esse lugar em 1983 até hoje ainda to lá, porque eu alimpo sempre o sítio e assim que era a vida, esses lugares todo era no Paunini. Quem tomava conta de lá era meu pai (...). por isso então diziam que era dos negros, quem veio foi o meu tio Jacinto, ele quem trouxe meu pai. Sr. Jacinto José Maria dos Santos “Jaço” – Oficina de Mapas – 01/07/2007

É por que nós nos criamos por lá e só tem gente preto mesmo que foi cruzando com os claros e hoje tem gente de toda cor. Sr. Sabino Marinho do Nascimento – Oficina de Mapas – 30/06/07

A vida no Rio Jaú

Lá já era área há muito tempo dos morenos, não é? Há muito tempo eles nasceram lá e se criaram lá. Sr. Adenilson Assis da Silva – Oficina de Mapas – 01/06/07

Às vezes, faz ajuri, quando é no tempo no roçado ajunta pra brocar e derrubar, depois de derrubado aí cada qual do seu jeito, na derrubada do roçado acostuma sempre ajudar uns aos outros, ajuda um, outro, outro, no ano passado. Sr. Jacinto José Maria dos Santos “Jaço” – Oficina de Mapas – 01/06/07

Nós temos uma comadre com nome Sabá e é ela que faz o remédio. Quando agente vê que a criança está muito ruim a gente vem até aqui a Novo Airão atrás de médico. Mas podendo curar mesmo lá, a gente procura curar mesmo lá na comunidade. Sr. Sabino Marinho do Nascimento – Oficina de Mapas – 01/06/07

Nós trabalhava no Igarapé do Socó. Agora o nome do lugar da nossa casa era Sítio Espírito Santo. Um sítio grande e bonito, mas agora as plantas já morreram quase tudo.

Eu desenhei onde era a minha casa. Nós trabalhava no Igarapé do Socó e como só tava nós para lá, o pessoal pediu para que nós ficasse na comunidade do Tambor e está como cinco anos que nós



*Elaboração dos Croquis da comunidade quilombola do Tambor
Novo Airão, 29 de junho*



Oficina de Mapas – Novo Airão, 29 de junho

estamos ali. E agora nós já temos roça e outra plantação, pupunha dando cacho.

Eu digo não, eu não aceito, eu aceito é ter onde morar, pra lá é que é minha picada de castanha, que o meu marido trabalhava, que eu sou viúva, quem tira agora castanha é meu filho, meu neto, meu genro, eles que vão pra lá tirar castanha, eu moro aqui (Tambor Velho), mas preciso dum lugar lá pro alto.

Eu não vou sair de lá. Eu não tenho vontade, eu gosto do Jaú.

Qualquer um pode pegar, qualquer um pode partejar, agora, o negócio é endireitar a criança que ta torto, aí é que é o negócio, que a pessoa tem que pegar, tem que saber endireitar. Graças a Deus, na minha mão não, nunca faleceu nenhuma.

Já faz um bocadinho de tempo que eu partejo... com quem eu aprendi? Com Deus! Porque ninguém me ensinou e eu aprendi, então foi Deus né.

Já tem andado perto de morrer, mas o poder de Deus alevanta.

Tenho cuidado de muita gente doente. Aqui mesmo em Novo Airão, quando sabem que eu to aqui... eu quase mesmo não ando bem na rua, mas o pessoal sabe onde eu paro e mandam me chamar pra mim benzer. **Dona Sebastiana Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Antes do Ibama, morava um aqui um pra ali, o outro pra acolá e depois foi que precisou se ajuntar, que foi meu irmão Mauricio que ele foi pra fazer uma escolinha, justamente pra botar os filhos pra estudar então fomos escolher o lugar, o primeiro que foi dá aula pras crianças foi o Sebastião, o apelido dele é 'Bá', foi o primeiro professor, esse meu irmão que era o chefe de lá nesse tempo, meu irmão era aposentado, aí foi o tempo que chegou um sobrinho meu daqui, de Novo Airão, aí disse que era pra ele sair o mais rápido possível se não ia ser bloqueado o benefício, ele tava preparando um farinhada, então nesse tempo o pessoal que trabalhava com contrabando ia baixando, a passagem que tinha era aquela, então ele embarcou, eles iam baixando quando chegou aqui abaixo do Ataíde, lá a canoa alagou, aí lá o jacaré pegou o meu irmão, aí procuraram, procuraram e não acharam, procuraram uma porção de dias e não acharam, já tavam desistindo, até que foi encontrado, o jacaré levou, entrou dentro de um lago, lá pra cabeceira do lago, lá que tava, quando o cara encontrou o jacaré tava boiado, quando enxergou ele sentou, nesse dia ele tinha comido só um braço, aí o cara foi chamar o pessoal, mas não ficou ninguém lá, quando chegaram lá só tinha do imbuígo pra baixo, o jacaré devorou tudo, aí acabou-se meu irmão, aí andei fazendo umas queixas, mas não tinha apoio porque disseram que ele vinha com contrabando, ele não vinha com contrabando, ele vinha no motor, aí foi que o Ibama disse que quem matasse esse jacaré ia ser processado. **Sr. Jacinto José Maria dos Santos, "Jaço"** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Eu nasci e me criei lá, quero terminar a minha vida lá, eu quero é viver lá minha vida toda. Porque lá é bom pra mim em muitas partes, tem uma roça, tem como pegar meu peixe pra comer, não compro nada, não compro farinha, não compro comida, tudo tem na natureza. **Depoimento 01** – Oficina de Mapas – 01/06/07)



Croqui da comunidade do Tambor

A comunidade quilombola do Tambor e o reconhecimento

Tambor... bem a história do tambor era porque antigamente existia... faziam uma festa lá, então esse povo foram morrendo e se acabou. Então quando passava assim... nesse local não tinha ninguém nesse Tambor, quando passava assim uma pessoa naqueles horários que faziam a dita festa, que era a festa de São Benedito ele escutavam o tambor, roncar pra debaixo d'água o ronco do tambor, aí passava, ' – aí olha tão batendo o tambor. Aí pronto botaram o nome do lugar de Tambor.

O Tambor é assim como um ferro de engomar, é assim uma ponta, então essa ponta tem um bocado de castanheira, um bocado de castanha, então essa ponta aqui todo mundo da comunidade pode ir lá quebrar castanha à vontade pra comer, ninguém empata uns aos outros, é o castanhal da ponta da terra.

Eu acho uma grande importância o reconhecimento do Tambor, agora nós já temos o documento, somos calhambolas mesmo, eu fico muito satisfeito que agora eu sei que tenho direito de ser o que sou, sou 'nego' e fico satisfeito de ser calhambola. Agora já temos nosso reconhecimento, já reconhecem nós aí por São Paulo, sabe que nós existe, porque pra ele nós não existia eu tenho 74 anos, nunca saí mais longe do que abaixo da refinaria, mais longe que eu já tive pra lá, e por Rio Negro até ali no Rio Branco, então toda essa vida morando nesse local. **Sr. Jacinto José Maria dos Santos "Jaço"** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Na minha lembrança, do tempo dos meus avós, eu lembrava que eles festejavam o dia 25. Uma festa grande quando eu era pequeno. Meus avós morreram e minha mãe ficou criando nós. Aí eu comecei a trabalhar, na mata mesmo cortando balata. Com idade de 21 anos eu arrumei família e até agora eu estou por lá. Só lembro da minha avó mesmo que se chamava Otília. Minha avó eu não sei dizer onde nasceu.

A importância é que nós vamos ter direito à nossa terra de novo. Porque já era tudo do Ibama e ninguém tinha direito a mais nada. Porque o funcionário falava para nós que nós não tínhamos direito a mais nada. Nós estávamos vivendo que nem um bicho lá, que nem escravo. Ele tratava nós assim. Hoje em dia está se reconhecendo que nós vamos ter nosso direito. **Sr. Sabino Marinho do Nascimento** – Oficina de Mapas – 01/06/07

A minha esposa é da família de Maria e são negros. Ela é negra e ela está na associação e eu estou aqui representando ela, porque não pode sair os dois de casa. Quando um sai, o outro fica. E eu como presidente também fiz questão de vir. **Sr. Clovilson Assis da Silva** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Então como nós, temos nosso direito, nós não sabia que tinha. Hoje já sabemos que nós temos nosso direito. Nós temos que lutar pelo nosso direito. E nós, tanto quilombolas quanto indígenas, somos os que protege a natureza, preservar, não deixar invadir, não deixar destruir, isso é que devemos fazer. **Sr. Jacinto José Maria dos Santos "Jaço"** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Decreto nº 85.200, de 24 de setembro de 1980

Cria, no Estado do Amazonas, o Parque Nacional do Jaú.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição e nos termos do artigo 5º, letra "a", da Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967,

DECRETA:

Art. 1º É criado, no Estado do Amazonas, na bacia do rio Jaú, com área estimada de 2.272.000 hectares (dois milhões duzentos e setenta e dois mil hectares), o Parque Nacional do Jaú, subordinado ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, compreendido dentro do seguinte perímetro: o ponto inicial é a confluência do rio Jaú com o rio Negro e a partir deste sobe pela margem direita do rio Jaú até a foz do rio Carabinani e continua por este, em sua margem direita até a sua nascente principal, seguindo os divisores de águas deste rio com o igarapé Açú, do rio Jaú com o rio Cunauaru, igarapé Timbó Titicá e igarapé Sebastião; continuando pelo igarapé Maruim e posteriormente pela margem esquerda do rio Pauini e rio Unini, indo desembocar novamente no rio Negro, e pela margem esquerda deste último rio até o ponto inicial desta descrição.

Decreto de criação do Parque Nacional do Jaú

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

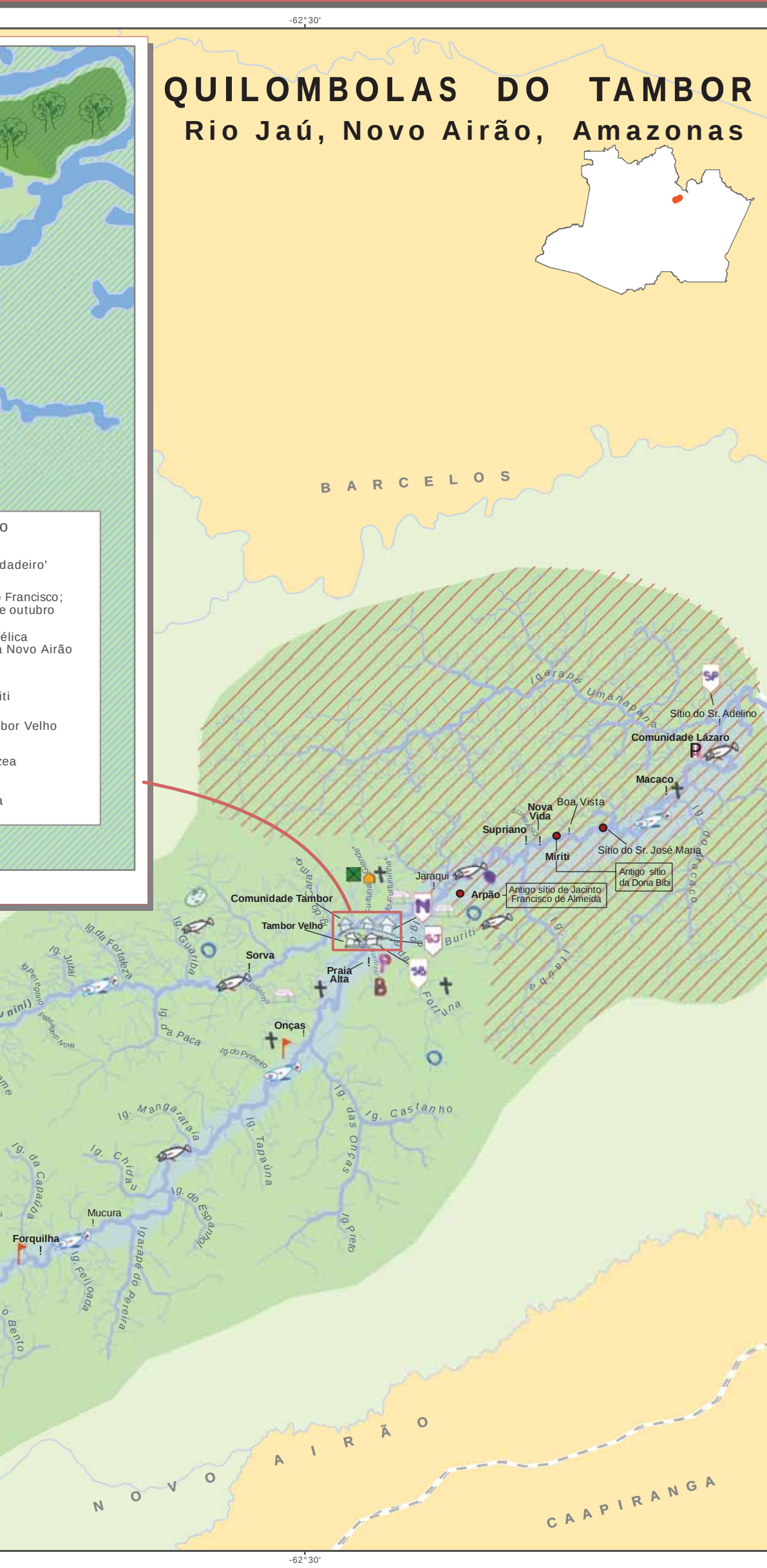
Diário Oficial da União Seção 1, Nº 108, quarta-feira, 7 de junho de 2006

PORTARIA Nº 11, DE 6 DE JUNHO DE 2006

O Presidente-Substituto da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º – da Lei nº 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º – , §§ 1º – e 2º – , art. 3º – , § 4º – do Decreto nº – 4.887 de 20 de novembro de 2003, da Portaria da FCP nº 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União nº – 43 de 04 de março de 2004, Seção 1, f 07, resolve:

Art 1º Registrar no Livro de Cadastro Geral nº. – 06 e CERTIFICAR que conforme Declarações de Auto-reconhecimento e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, SÃO REMANESCENTE DOS QUILOMBOS:

Comunidade de Tambor, localizada no município de Novo Airão, Estado do Amazonas, Registro nº 563, Fl. 73, em 19/05/2006.



Comunidades, colocações e sítios

- P Comunidade
- ! Colocação
- ! Sítio
- Sítio antigo (Sítio do Sr. Jaço, de Jacinto José Maria dos Santos, de D. Bibi e Caju)
- 3 Casa do Manelito, filho de Manoel Braz
- Tambor Novo
- Tambor Velho
- Cemitério
- Porto
- Paragem

Formas tradicionais de culto e medicina festas

- Festa de São Pedro, em Maranhoto
- Natal, em Tambor
- Festa de São José, em Tambor
- Festa de São Benedito, em Tambor
- Festa de São Francisco, em Pupunha
- Festa de Santa Luzia, em Miriti
- Parteira
- Benedeira

Formas tradicionais de uso dos recursos

- Caça
- Pesca de autoconsumo
- Casa de farinha
- Açaí
- Tracajá
- Uso de rabeta
- Uso atual: castanha do Pará, cipó, copaíba.
- Uso anterior à criação do parque: seringa 'verdadeira', balata, sova-coquerana, breu.
- Seringa torrada

Espaços sociais

- Campo de futebol do Tambor

Convenções

- Cursos d'água
- Zona de varzea
- Limites intermunicipais
- Área do Parque Nacional do Jáu (PNJ)

Nomes dos igarapés [fontes]

- Igarapé Carta Novo Airão, IBGE, 2006
- IGARAPÉ Mapas e croquis da oficina
- Igarapé * Levantamento de GPS feito pela Associação Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade Tambor - AM

Fontes:

- Croquis, mapas e informações obtidas na Oficina de Mapas realizada do dia 29 de junho ao 1 de julho de 2007
- Levantamento de GPS feito pela Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade Tambor - AM
- Digitalização de Imagem de Satélite SRTM (imagem disponível em <www.relevobr.cnpm.embrapa.br>)
- Bases digitais: IBGE (www.gismap.com.br)
- Carta Novo Airão, IBGE, 2006. 1:250.000

Equipe de elaboração:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Sebastião Ferreira de Almeida

Cartografia:

Laura Adriana Chamo

agosto de
2007

1:550.000

0 5 10 20 30 40 Km

A organização dos quilombolas

Nós estamos precisando de uma associação, como nós já estamos criando essa associação de quilombolas. Se der certo a gente vai ter mais força para lutar contra o Ibama. Pelo menos ter um pedaço de terra. **Sr. José Alberto do Nascimento** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Se nós for esperar que o IBAMA diga você tem direito nisso aqui. É aquilo que sempre o Marcelo ta indo lá e dizendo que não se pode derramar nenhuma colher de cimento lá dentro, porque não pode construir nada de cimento, mas existe instituição por trás de tudo isso, criando prédio dentro do Parque, de alienaria.

Bem, quem ta lá dentro somos nós, não temos o direito de recuperar nossas residências?

Daquela forma é a sobrevivência de cada família, sem proteção, sem segurança, sem saneamento básico, sem educação especial, sem saúde especial, de tudo que é de direito, não existe lá.

Porque as pessoas que vai pra lá, nunca leva um informação adequada, claro, ela só vai dizer o que não pode. Eu concordo, porque o trabalho da instituição é de lei, ele vai trabalhar com as lei que defende os trabalhos dele, que defende o direito das unidades de conservação, ele não vai dizer que morador tem direito a, b ou c, não, de maneira nenhuma ele vai dizer que você tem direito, ele só vai dizer que você não tem direito.

Então é nós que vai ter que dizer, eu to aqui, daqui eu não saíu.

Hoje nos temos uma associação registrada, já começa a funcionar, a gente ta terminando de se organizar na questão do CNPJ da associação, e com essa garantia eu tenho certeza que as pessoas vão ter que respeitar. A gente também já deu entrada no INCRA, na questão de fazer lá o reconhecimento do limite da área. Eu acredito que a comunidade se encontra assegurada na questão do reconhecimento. **Sr. Sebastião Ferreira de Almeida “Ba”** – Oficina de Mapas – 01/06/07



Elaboração dos Croquis da comunidade quilombola do Tambor – Novo Airão

Conflitos

Antes da criação do Parque nós vivíamos, a gente trabalhava no verão, todo mundo na seringa, até mesmo o regatões quando ele subiam, quando eles tinham tempo eles encostavam, na beira e iam cortar também um seringuinha, quando chegava a época do inverno iam cortar sova, mais era sova, no inverno cortava sova, balata, balata misturada, a balata de primeira que é a coquerana, que dava mais dinheiro, mas essa coquerana só tem nas cabeceiras, não tem pra qualquer um, é só pra quem tem coragem, se agrupava aquela rapaziada, entrava no igarapé, a gente ia procurar pela água, agente ia num igarapé que tinha água preta, aí ia lá e cortava coquerana e vendia pro regatão. **Sr. Jacinto José Maria dos Santos “Jaço”** – Oficina de Mapas – 01/06/07

O Ibama do primeiro (IBDF), a gente vinha para cá, podia trazer o rancho da gente. A gente trazia carne, peixe. Mas agora o Ibama empata, não pode passar nem um quilo de carne. Só escondido. A gente lá pode comer, um bicho de caça, ave, porco. Mas para trazer para cá para comer aqui ou vender algum quilo, a gente não pode vender. Mas eu quero saber se vai melhora para a gente? **D. Sebastiana Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

De primeiro era melhor porque tinha muito regatão e não faltava nada para nós. Hoje se não tiver condições de vir aqui comprar, o cara passa mal, porque o Ibama não deixa mais o regatão passar. Quem tem seu motorzinho vai comprar e quem não tem.

Muitas vezes a gente vem baixando, e muitas vezes eu já passei fome em Novo Airão, lá da base até aqui Novo Airão. Porque nós só temos o direito de passar com um peixinho. A gente não pode trazer um kilo de carne, um catitu, num pode trazer, e isso eu nasci e me criei comendo de tudo lá, hoje em dia eu não posso mais fazer isso.

Outro sufoco que eu já passei é que o meu vinha carregado de castanha e a minha mulher em

véspera de descansar. Chegou lá o fiscal pegou, queria que ela saísse de dentro da embarcação pra cima da balsa pra revistar direito, a minha mulher falou que não saia e as crianças tudo chorando com medo. O que que eles fizeram? Revistaram tudinho, o cara com uma arma em cima de mim, o cara o tempo todo com uma arma em cima da pessoa, aí ele viu que não encontrou nada, pegou um pau apontado um pouco e tacava no meio da castanha, quebrando tudinho a castanha, eu disse: “Rapaz num faça uma coisa dessa você tá me dando prejuízo! O que resulto, a minha mulher quase perde até a criança com medo da agressão que tavam fazendo comigo.”

Outra vez, eu cheguei com farinha na cachoeira, fizeram a mesma coisa, furaram os sacos de farinha com um ferro dessa grossura, saco que eu comprei de R\$ 1,00.

Outra vez, tá com três meses atrás, lá no alto do Jaú, perto do meu castanhal com 300 latas de castanha e mais ou menos 300 kilos de cipó dentro do meu batelão, fizeram eu funcionar meu motor e ir lá pra cima, pra uma ponta de terra tirar a castanha tudinho de dentro e viram que não tinha nada, e eu vinha com pouco combustol e eu disse pro rapaz: “Quero que vocês me arrumem pelo menos um pouquinho de combustol pra chegar na minha comunidade. Não me arrumaram sequer uma grama de combustol.”

Pra mim é muito importante esse mapa, porque tem muitas dificuldades que acontece comigo lá, então nessa reunião eu quero esclarecer o que já aconteceu comigo. Eu nasci e me criei no Tambor, sou um cidadão de 50 anos (...) eu nasci e me criei lá dentro, nunca passei 90 dias fora do Parque Nacional. **Sr. Sabino Marinho do Nascimento** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Antes do Ibama era bem melhor porque tinha acesso a muitos comerciantes e não faltava quase nada para a gente. Depois que o Ibama foi criado dificultou, por que quem está dentro não sai e quem está fora não entra. Então a gente tem que descer e nem sempre a gente tem as condições financeiras para vir comprar a nossa alimentação aqui. Tem outros problemas, porque a gente não pode trazer carne para comer, nem um quilo. Se a gente pega um mau tempo em um barco pequeno até chegar a Novo Airão, os nossos filhos vão passar fome. Como já aconteceu comigo de fazer mingau de farinha para os meus filhos comer até chegar aqui. Passamos 3 dias do Ibama para cá, com tempo ruim.

Há 45 dias eu comecei a trabalhar na área de saúde e nós nem temos muita condição de vir receber (salário) aqui porque a gente já gasta tudo com a viagem. E remédio... só manda para lá paracetamol e dipirona.

Quando tem um problema de saúde mais grave tem que vir para cá quando tem barco a disposição e o Ibama dá auxílio? Eles não levam não. Sobre o telefone, nós não temos. Só uma radiofonia, mas nem todo dia pega direto para cá. **Sr. José Alberto do Nascimento** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Antigamente tinha mais de 20 regatão no rio e depois que o Ibama entrou na boca, o rio fechou. Só morador que tem condição compra rancho e vende para os outros. Regatão de fora não pode mais entrar para levar rancho para ninguém. **Sr. Adenilson Assis da Silva** – Oficina de Mapas – 01/06/07

A gente vive mesmo é de castanha, cipó, farinha e banana, do comércio. Nós vendemos para o meu irmão, para o velho Jaço e eles é que vêm vender aqui, porque nós não temos condição de sair de lá para vender aqui. É longe e caro. E de primeiro, quando não existia o Ibama, tudo que a gente fazia, a gente trazia e vendia aqui. Agora não pode trazer que eles não deixam. Se a gente fizer uma peneira, se a gente fizer um tupé. Se quiser tirar um cipó para fazer um paneiro (?) eles não deixam a gente trazer para vender aqui. Ficou difícil com o Ibama porque nós fomos vendidos lá dentro. No papel da mamãe que ela tirou para se aposentar e até hoje não saiu a aposentadoria dela. No tempo que não existia Ibama era tudo melhor para nós. A gente adocece, precisa vir para cá e não tem condições. Até o rádio que tem lá, nem todo dia pega. Agora o pessoal queria colocar um telefone por lá e o Ibama não querem deixar colocar. Ele diz que lá não precisa de telefone. Um dia minha filha veio para cá, desceu com o filho dela e eu lá preocupada sem saber. Porque disseram que ela estava para Manaus, internada com o menino. Outros disseram que ela já tinha chegado e eu aqui sem notícia. Fomos falar no rádio e o rádio não prestava. E tendo um telefone lá, a gente está sabendo do que está se passando todo o tempo. Se adoecer um lá, pode telefonar para chamar para pegar uma pessoa lá. E eles não querem botar o telefone lá, eles não querem deixar o pessoal ir às vezes para lá, para fazer um benefício para lá. Então é difícil.

Está precisando do telefone, de um agente de saúde que agora é o meu genro. Mas ele não tem condições, porque ele não tem um barco para vir aqui, um motor para ele poder andar. E remédio,

quando ele vem aqui... os remédio não chegam para o pessoal todo não. E muitas vezes, a doença não é para curar com aquele remédio, porque o remédio que vai para lá é só dipirona. **D. Cleonice Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Meus irmãos vieram morar pra cá e queriam voltar pra lá e eles não deixaram, tinha uma roça pra desmanchar lá, ai eles levaram a espingarda dele pra matar uma caça pra comer, ai eles tomaram tudinho, até hoje, ai não deixaram passar adiante, ai voltaram, não puderam ir pro Jaú, meus irmãos é tudo filho de lá, nascido e criado, nós tudo vivemos no Jaú. **Depoimento 02** – Oficina de Mapas – 01/06/07

O dinheiro já é pouco e se você trazer uma comida de lá para comer aqui, a gente não vai gastar o dinheiro da gente. E eles não querem que a gente traga nem um quilo de carne para comer aqui. O Parque tem 26 anos e eu tenho 29 anos. **Sr. Adenilson Assis da Silva** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Você não pode trazer um pedaço de carne para você comer, só peixinho pequeno, pois se for um pedaço de pirarucu eles tomam. Se for 2 kg de carne, eles tomam. Então passa fome na viagem até chegar aqui. Eles fiam na boca do rio e não deixam a gente passar com nada. **Sr. Orivan Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Por que a cartografia?

Aí a cartografia... Aí uma coisa que se ta relembrando uma coisa que se passou há muitos anos, então agora ta se renovando de novo, se relembrando,... Ao passo que é de grande importância ta relembrando no Tambor. **Sr. Jacinto José Maria dos Santos** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Esse mapa, pelo menos a gente está dizendo o local onde a gente trabalha, onde conhece. Eu pelo menos do Tambor para cima, eu conheço todos os igarapés. Eu trabalho e trabalhei muito na mata. E fica todo mundo sabendo que a gente conhece mesmo e está mostrando igarapé por igarapé, nome por nome. **Sr. Sabino Marinho do Nascimento** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Eu acho que seja importante, porque vai ser apresentado em vários cantos, o pessoal vai ficar sabendo que a gente existe. Os povos de fora nem ao menos sabia que existia gente lá. E se soubessem disso não tinha tirado o rio para parque, porque tinha cento e poucas famílias nesse tempo lá dentro que o Ibama tirou e foi o tempo que ficou ruim de sobreviver. Foi ficando difícil a alimentação e aí foram saindo do rio e hoje em dia tem pouca gente por causa disso. **Sr. Orivan Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Porque esse mapa está dando valor para nós. Nós ficamos mais valorizado lá dentro do rio. Eu espero que melhore para nós. Porque lá, a gente sofre privação, falta as coisas para a gente. A gente tem que vir aqui quando precisa de alguma coisa. Nós temos um motorzinho e quando a gente precisa de alguma coisa vem buscar. Os vizinhos que querem vir, nós traz e leva. Mas não é todo o tempo que a gente pode estar aqui, porque gente pobre não é todo tempo que pode estar andando assim.



Lançamento do Fascículo Ribeirinhos e quilombolas ex-moradores do Parque Nacional do Jaú

Nós sofre falta de alimentação, de rancho, remédio que é difícil. Agora querem proibir até o Seu Jaço que tem mais condição de comprar para levar. E agora já estão dizendo que não pode, só com consulta médica que a gente pode tomar. E como que pode ser. E disse para o Seu Jaço para não fazer isso não, por que como é que a gente vai fazer? A gente precisa, a gente compra, a gente trabalha e paga. **D. Sebastiana Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Eu acho que pode melhorar a nossa situação lá dentro, porque a gente já é um bocado desrespeitado lá dentro e com ajuda de vocês e de Deus pode melhorar para nós. Tem tempo que a gente fica muito sacrificado. No tempo da cheia não, por que é bom que a gente pega castanha, cipó, agente faz farinha e no verão? Quando a gente não tem a roça, se não tem outra produção para a gente viver? Ai muitas vezes falta o alimento para a pessoa. E o necessário para a gente é o alimento, ainda mais para a gente que tem os filhos pequenos para criar. **D. Cleonice Lemos Brasil** – Oficina de Mapas – 01/06/07

Pauta de reivindicações

- Reconhecimento dos direitos dos quilombolas: titulação do território, conforme determina o artigo 68 do ADCT da CF de 1988;
- Garantia dos meios necessários à reprodução física e social do grupo;
- Garantia do direito de entrar e de sair do território livremente;
- Direito de sair na baixada com os alimentos necessários para viagem;
- Fim de todo tipo de ação dos fiscais do IBAMA no território, pois essas têm gerado constrangimentos diversos;
- Apuração e punição de todas ações ilegais e abusos que foram cometidos contra os quilombolas pelos fiscais do IBAMA;
- Fim da regra de um ano imposta, que proíbe o retorno ao território após esse período;
- Direito de construir casas de alvenaria;
- Instalação de um posto telefônico na comunidade Tambor;
- Instalação de posto de saúde na comunidade do Tambor;
- Contratação e treinamento de agente de saúde para o Posto;
- Aquisição de voadeira para atendimento de todos os doentes;
- Contratação de professor de 1º a 8ª série;
- Transporte escolar;
- Direito a aposentadoria.

A comunidade remanescente de quilombo do Tambor está localizada no Parque Nacional do Jaú, município de Novo Airão. Existe uma tensão entre o seu reconhecimento formal como quilombo e o fato de estar localizada numa “área de proteção integral”.

CONTATO

Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor

Rua Rosas Fernandes 37 Bairro Jardim Wilton
69730-000 Novo Airão AM
telefone 92. 3365-1423

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão

Av. João Paulo II s/n Centro
69730-000 Novo Airão AM
telefone 92. 3365-1366

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas

REALIZAÇÃO

Associação de Moradores
Remanescentes de Quilombo
da Comunidade do Tambor – AM
Sindicato dos Trabalhadores
Rurais de Novo Airão – AM

APOIO

PPGSCA-UFAM
PPGDA-UEA
FIOCRUZ-AMAZÔNIA/UEA
UEA-ENS

